

Identities dinámicas: variación y cambio en el español de América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

UMA GRAMÁTICA DE USOS DO PORTUGUÊS PARA REFLEXÃO ESCOLAR

Maria Helena de Moura Neves
Universidade Presbiteriana Mackenzie; UNESP-Araraquara/CNPq-Brasil
mhmneves@uol.com.br

ÁREA TEMÁTICA: *Heterogeneidad lingüística y educación*

Resumo

Este trabalho faz a apresentação de uma nova gramática do português elaborada a partir de usos (NEVES, no prelo), com a mesma orientação teórica funcionalista explicitada em Neves (1997, 2002, 2003, 2006 e 2010, entre outros) que orienta a *Gramática de usos do português* já publicada (NEVES, 2000), entretanto preparada com explícita ancoragem em textos, e com discursivização destinada à sua inserção no campo educativo (uma das vertentes deste evento). Essa proposta de discussão escolar de uma gramática baseada nos usos, tal como a proponho, valoriza o estudo gramatical ancorado na reflexão sobre a linguagem a partir de textos, sem que eles se invoquem como pretexto para apresentação de padrões ou de simples aspectos taxonômicos. Pelo contrário, visa-se a verificar, nos (variados) usos, tudo o que é possível fazer com a linguagem, pelo simples acionamento das solicitações de uso: exatidão ou inexatidão (quando essa for a intenção); elevação ou banalização (quando essa for a relevância); redundância ou inacabamentos (quando essa for a necessidade); etc. No centro está a noção de base funcionalista de que, à parte o núcleo duro da gramática de uma língua, tudo no uso linguístico são escolhas. Diferentes gêneros abrigam diferentes inserções das possibilidades de produção linguística, e, embora seja inatingível a lida com todas essas possibilidades, a simples visão de que é assim que a linguagem funciona já constitui abertura para uma percepção reflexiva da gramática (modo de funcionamento) da língua.

Palavras chave: Gramática do português - teoria funcionalista – gramática de usos

Introdução

Este trabalho faz apresenta uma gramática do português elaborada a partir de usos (NEVES, no prelo¹), com a mesma orientação teórica funcionalista, explicitada em Neves (1997, 2002, 2003, 2006 e 2010, entre outros), que orienta a *Gramática de usos do português* já publicada (NEVES, 2000), entretanto preparada com explícita ancoragem em textos, e com discursivização destinada à sua inserção no campo educativo (uma das vertentes deste evento).

Identidades dinámicas: variación y cambio en el español de América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

Essa proposta de discussão escolar de uma gramática baseada nos usos valoriza o estudo gramatical ancorado na reflexão sobre a linguagem a partir de textos, com vista a verificar, nos (variados) usos, tudo o que é possível fazer com a linguagem, pelo simples acionamento das solicitações de uso: exatidão ou inexatidão (quando essa for a intenção); elevação ou banalização (quando essa for a relevância); redundância ou inacabamentos (quando essa for a necessidade); etc.

No centro está a noção de base funcionalista de que, à parte o núcleo duro da gramática de uma língua, tudo no uso linguístico são escolhas. Diferentes gêneros abrigam diferentes inserções das possibilidades de produção linguística, e, embora seja inatingível a lida com todas essas possibilidades, a simples visão de que é assim que a linguagem funciona já constitui abertura para uma percepção reflexiva da gramática (modo de funcionamento) da língua. Essa visão representa olhar reflexivamente a língua que se manifesta pela ativação da linguagem, em contexto de situação e em contexto de cultura (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY e MATHIESSEN, 2004), em inter-relações e em interfaceamentos. A proposta é fazer ver a gramática da língua como a responsável pelo entrelaçamento discursivo-textual das relações que se estabelecem na sociocomunicação, sustentadas pela cognição.

A direção teórica

A direção funcionalista de análise põe na base das reflexões sobre os usos, nos termos do que já tratei mais explicitamente em Neves (2006, p. 16-17), o reconhecimento da existência: (i) de processos acomodativos na vida da língua, sob determinação discursiva (DU BOIS, 1985); (ii) de uma liberdade organizacional dos falantes na constituição e na acomodação dos enunciados (GIVÓN, 1995); (iii) de um embasamento cognitivo da gramática no conhecimento que a comunidade tem a respeito da organização dos eventos e de seus participantes (BEAUGRANDE, 1993). Com esse reconhecimento se liga um conjunto de assunções funcionalistas, das quais destaco, respectivamente: para (i), a pressão da organização discursivo-enunciativa sobre o sistema, com abertura para reorganização do quadro das estruturas lingüísticas, sempre dentro das regularidades previsíveis; para (ii), a pressão da relevância comunicativa dos eventos sobre o fluxo informacional do enunciado, sempre

Identidades dinámicas: variación y cambio en el español de América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

sem perda de equilíbrio no empacotamento lexicogramatical; para (iii), a pressão dos interagentes do discurso sobre a organização dos enunciados, com abertura para maior ou menor marcação individual e subjetiva dos relevos, sempre sem quebra da sistematicidade da estrutura da língua.

Como aponto em Neves (2002), o que se faz nas propostas funcionalistas é falar de gramática falando de funcionamento e de funções, é configurar a gramática olhando para além da expressão lingüística, e, nesse tipo de análise, as estruturas que se ponham em exame “constituirão, em princípio, amostras de cadeias que apenas medeiam, não estabelecem, a interação, cadeias representativas de um determinado momento de equilíbrio instável da língua” (p.175).

Na exploração desses fundamentos, parto de assunções básicas em que tenho insistido (NEVES, 2006), e a primeira delas diz respeito à consideração de que, pela observação dos usos de uma língua particular historicamente inserida, pode-se chegar à explicitação do próprio funcionamento da linguagem. Também tenho apontado (NEVES, no prelo2), que isso implica reconhecer pelo menos três exigências de exclusão absoluta de determinados procedimentos:

- a) rejeição de um tratamento ingênuo e fácil que homogeneize os itens da língua, desconhecendo que o funcionamento de algumas classes de itens pode explicar-se nos limites da oração, por exemplo, mas o de outras só pode resolver-se no funcionamento discursivo-textual;
- b) rejeição de qualquer atividade de encaixamento em moldes pré-fabricados, tanto os que constituem uma organização de entidades metalingüísticas alheia aos processos reais de funcionamento quanto os que representam modelos para submissão estrita a normas lingüísticas sem legitimidade instituídas;
- c) rejeição de qualquer modelização que ignore zonas de imprecisão e/ou de oscilação, as verdadeiras testemunhas do equilíbrio instável que caracteriza a própria vida da língua, refletindo a sua constante adaptação segundo a força das pressões que se exercem sobre os usos.

Identities dinámicas: variación y cambio en el español de América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

Afinal, na direção de abrigar as determinações funcionais (portanto discursivas) da linguagem, entendo como conveniente a proposta funcionalista de uma moldura pragmática a governar a interação e a dirigir a produção de sentido, tanto na ponta da produção como na da recepção, ambas ativas e criativas.

A meta de reflexão escolar.

Dessas direções, altamente abrangentes, porque relativas a todo o universo de propostas de ação escolar que se possam prever para levar a gramática à escola, seleciono duas, pelas quais procuro mostrar que a avaliação dos usos é o objeto natural de uma gramática que não despreze nenhum dos componentes da interação, linha pela qual se pode avaliar a natural fluidez categorial dos itens da língua. Por aí ficam envolvidos, no programa escolar de exame do uso lingüístico, temas como: competição de motivações, sistematicidade e funcionalidade, percurso metafórico, força metonímica, gramaticalização, iconicidade, e correlatos. Dentro desses temas, muitas ilustrações de um encaminhamento escolar de tratamento da gramática que se assente na reflexão sobre os usos podem ser feitas, e delas tenho tratado abundantemente. Com base em análises apresentadas em Neves (no prelo³), trago a seguir duas dessas ilustrações.

A atenção ao complexo arranjo linear do conteúdo cognitivamente projetado.

Em uma tira do Snoopy, está o cãozinho recostado em uma pedra e Charlie Brown lhe pergunta: “Já tentou imaginar como é a garota de seus sonhos?”. De olhos fechados, como que “sonhando” com deliciosos biscoitos, ele responde: “Olhos redondos como biscoitos, orelhas redondas como biscoitos, um nariz parecendo um biscoito...”.

O que se vê no texto (lingüístico e imagético) é que, quando se pede ao Snoopy que imagine (mentalmente) e descreva (lingüisticamente) a garota de seus sonhos, ele – meio sonhando – devolve uma frase em que constrói símiles inesperados para o tipo de configuração mental pedido. Com os mecanismos de expressão

Identities dinámicas: variación y cambio en el español de América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

comparativa que a língua lhe dá, ele descreve os traços da garota “de seus sonhos” (seus olhos, orelhas e nariz, quanto a formato e a tamanho) por via de semelhança absoluta com aquele tipo de objeto que povoa o sonho e dirige a análise, os biscoitos.

É o momento de lembrar, pesarosamente, que, na sistematização gramatical escolar, temos jogado às traças o mecanismo de expressão comparativa, o qual responde exatamente pela essência da verbalização daquela capacidade de discriminar que, na verdade, é a que nos faz humanos, em oposição a todos os outros animais. Costumamos sistematizar esse mecanismo em dois momentos avulsos das aulas de gramática, que não respondem, minimamente, à realidade da expressão desse processo cognitivo básico da linguagem humana: o primeiro momento é a (pífia) apresentação de um quadro denominado “Grau dos adjetivos”, e o segundo é a inserção de um subtópico do quesito “Orações subordinadas adverbiais”, o subtópico relativo às “Comparativas”, das quais só se informa a listinha das “conjunções comparativas”: apresentam-se as conjunções **que** / **do que** para as orações comparativas de superioridade ou de inferioridade, e as conjunções **como** e **quanto** para as comparativas de igualdade. Geralmente esses elementos têm a contraparte dos advérbios **tão** ou **tanto** que estejam em uma oração anterior, e, assim, fica insensivelmente intocado o fato de que, dada a natureza do processo cognitivo de discriminar igualando, a língua tanto pode expressar a comparação (de igualdade) escancarando correlações (um **como** ou um **quanto** ligados a um **tão** ou a um **tanto**) como pode escamotear o complexo de componentes envolvidos na comparação, e apenas declarar uma semelhança altamente polissêmica, dentro da própria comparação que “igual”, iniciada, por exemplo, com um **como**.

Muitas vezes se ensaia uma justificativa, em termos de facilitação, para tal tratamento da questão, mas ele não tem a mínima chance de aceitação, pelo que representa de artificialidade, de pobreza, e, mais que isso, de mentira. Exemplifico com o texto que segue, de Millôr Fernandes, a complexidade dessa operação discriminativa fundamental, pela qual o espírito humano vê as coisas do mundo comparativamente:

Tamanho é documento?

No psicanalista, Montalvão expôs seu problema – estatura. Pequeno demais. Ridículo. Vivia se comparando, se pondo na ponta dos pés pra se medir com os

Identidades dinâmicas: variação e mudança em espanhol da América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

outros. Tinha a sensação de que mesmo os menores eram muito maiores. Vida insuportável. Complexo angustiante.

O que é que um sábio psicanalista pode fazer com um cliente desses, lhe aumentar a estatura? O psicanalista fez o que sentiu conveniente no momento. Falou-lhe que o tamanho não é documento, que há inúmeras outras qualidades compensatórias no ser humano pequeno – a natureza é sábia –, e, pra mostrar que o que dizia era verdade, lembrou grandes homens pequenos – Lautrec, Chaplin, o general Giap, pra não falar do pequeno maior de todos, Napoleão.

Com uma só sessão – com uma só –, Montalvão saiu do consultório praticamente curado. Já olhava pros outros com um sentimento de normalidade, e se sentia, pela primeira vez na vida, quase eufórico. Quando, um dia, já pleno dessa nova exaltação existencial, ia entrando em casa, um gato o viu, pulou da sacada em cima dele e engoliu ele.

Aí está naturalmente explicitada essa operação de discriminação que, continuamente, a linguagem expressa, verbalizando o mecanismo comparativo. Ficam evidentes, no texto, componentes e processos ligados a essa operação, que são sucessivamente oferecidos:

- a) Uma determinada qualidade de Montalvão. Ela constitui o eixo da comparação: vem expressa por substantivos (**estatura / tamanho**), e, logo a seguir, vem representada no adjetivo **pequeno**.
- b) Uma intensificação (superlativização) dessa qualidade de Montalvão. Não há, ainda, entretanto, uma intensificação que anuncie comparação, só se diz: **pequeno demais**.
- c) Uma sugestão (feita por meio de um verbo, logo a seguir) de que se trata de avaliação comparativa da qualidade: **pra se medir com os outros**.
- d) Uma superlativização (relativa) da qualidade. Na expressão superlativa **os menores** há implicada uma comparação, feita em relação ao total do conjunto (sem necessidade de explicitação).
- e) Uma comparação de desigualdade da qualidade (adjetivo que vem como predicativo, ou seja, como atributo desses que são **os menores**): **maiores**

Identities dinámicas: variación y cambio en el español de América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

f) Uma sugestão de que está implicada quantificação (por meio de um verbo e de um substantivo): **aumentar a estatura**.

g) Um registro (com adjetivo) do mecanismo de “compensação”, normalmente disparado por uma desigualdade na posse de qualidades: **outras qualidades compensatórias**.

h) Uma fixação dos elementos que possam funcionar como segundo termo da comparação: **lembrou grandes homens pequenos**.

i) Uma substantivação da qualidade em pauta (**estatura / tamanho**), para evidente referência histórica (a Napoleão): **o pequeno maior que todos**;

j) Uma superlativização (relativa) da qualidade. Ela é relativizada pela remissão a um conjunto de referência: **(o pequeno) maior**. Ou seja, fala-se dos “mais grandes”, mas entre os **grandes homens pequenos**.

l) Uma definição de grau. Trata-se do grau em que (depois da consulta com o psicanalista) Montalvão passa a entender que aquela qualidade em pauta (**estatura / tamanho**) possui: grau de **normalidade**.

Nesse texto, em que está tão representada a expressão do mecanismo comparativo da língua, não ocorrem os tais expedientes sempre apresentados como únicos instrumentos do estabelecimento de comparação na linguagem (as orações e as conjunções adverbiais comparativas), o que, mais uma vez, nos faz refletir sobre o fato de que esquemas isolados não são o melhor caminho para fazer entender aos alunos como funciona a língua que eles usam, e como podem ser apreciados os efeitos dela.

Fica muito evidente que o trabalho com a metalinguagem – essencial na reflexão sobre a apropriação dos mecanismos gramaticais da língua – tem de derivar da realidade dos usos, não pode ser oferecido em bandeja de pratos que já vêm feitos (e requentados).

Identidades dinámicas: variación y cambio en el español de América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

A atenção à infinita produção de sentidos e efeitos ligada à fluidez de limites.

Fluidez de sentido na linguagem constitui um ponto facilimo de acompanhar, até porque essa indeterminação está na essência da interação lingüística. Sirva de amostra o conteúdo de outra tira com efeito de humor, esta de Thaves, em que Ernst, em uma “Escola de música”, preparando-se para tocar seu violino, pergunta a Frank: “Quer que eu toque em tom menor ou maior?”. Ao que este, apontando em postura profesoral para uma partitura, responde: “O menor possível.”.

A ideia óbvia que surge, num caso desses, é a de polissemia, a de que os termos **maior** e **menor** têm pelo menos duas acepções, e de que o aparente desacerto entre os interlocutores se deveu ao fato de que um deles se prendeu a uma interpretação semântica, e o outro se prendeu a outra. Assim explicada, a questão faz sentido, mas não foi tocada a essência da gramática da língua, já que a interpretação semântica é produto, não mecanismo de produção, e há um componente essencial que está sendo desconsiderado, aquele que toca o próprio estatuto categorial dos elementos. Na tira, Ernst se refere a subtipos de **tom** (sem nenhuma comparação de grandeza envolvida), enquanto Frank se refere a graus de volume do som, que ele sugere que seja **o menor possível**, com certeza por se tratar de um som desagradável aos ouvidos. A diferença toca pontos do sistema em que se resolve a gramática da língua, dentro do qual alguns “adjetivos” são do subtipo “classificador” (e, então, não constituem propriedades graduáveis), como esses subtipos de **tom** referidos na pergunta, enquanto outros são do subtipo “qualificador” (e, então, constituem propriedades graduáveis), como esse tom que na resposta se pede que seja **o menor possível**, ou seja, o de mais baixo volume possível.

Mais longe ainda é possível caminhar nessa diluição de fronteiras para a qual chamo a atenção, na consideração de uma visão mais realista da linguagem, em aulas de língua materna. Considere-se, por exemplo, o tratamento escolar do tempo verbal, que costuma ater-se à simples rotulação de uma ou outra forma verbal, sem atenção para a própria natureza dessa categoria (essencialmente dêitica) e da sua relação com outra categoria gramatical, esta completamente ignorada nas lições que se oferecem em sala de aula, a do aspecto (essencialmente não dêitica). Mesmo dentro da própria

Identidades dinâmicas: variação e mudança no espanhol da América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

categoria tempo é facilmente apreciável a fluidez das fronteiras no espaço temporal da situação enunciativa. Sirva de amostra esta letra de canção de Chico Buarque (para música de Sivuca) que a seguir se transcreve (com grifos meus):

João e Maria

Agora eu **era** o herói e o meu cavalo só **falava** inglês
A noiva do cowboy **era** você além das outras três
E eu **enfrentava** os batalhões, os alemães e seus canhões
Guardava o meu bodoque e **ensaiava** um rock para as matinês
Agora eu **era** um rei, **era** o bedel e **era** também juiz
E pela minha lei a gente **era** obrigada a ser feliz
E você **era** a princesa que eu fiz coroar
E **era** tão linda de se admirar
Que **andava** nua pelo meu país
(...)
A gente agora já não tinha medo
No tempo da maldade acho que a gente nem **tinha** nascido
Agora **era** fatal que o faz de conta terminasse assim
Pra lá desse quintal **era** uma noite que não tem mais fim
Pois você sumiu no mundo sem me avisar
E agora eu **era** um louco a perguntar
O que é que a vida vai fazer de mim

Nesse texto, a simultaneidade com um determinado momento de referência passado é feita por via da ancoragem desse passado num momento enunciativamente marcado como presente: o advérbio **agora**. O efeito é de criação de um mundo próprio (diferente do real) dentro do qual se encaminham as cenas, a partir do complexo **eu-aqui-agora** em que o **agora** deixa de ser um mero tempo presente do locutor para ser o mágico momento de fala do “Era uma vez...”, isto é, para ser um passado magicamente criado pela linguagem sem peias de que dispomos.

Considerações finais

A proposta de levar à reflexão escolar a linguagem viva tem defesa irrefutável no fato de que a linguagem constitui o reino no qual, decididamente, a escola se move, como, aliás, tudo se move. Essa visão tem a vantagem de escancarar o fato de que a língua sempre tem os arranjos necessários para resolver as infinitas projeções de conteúdo cognitivo, de necessidade comunicativa e de criação de mundos.

Identidades dinâmicas: variação e mudança no espanhol da América

I Congresso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

Multifuncional que é, ela provê todas as segmentações e arranjos que se façam necessários, sem prisão a fórmulas prontas que engessem classes e funções. Com certeza, vale a pena levar a linguagem para a sala de aula com olhos na complexidade que faz o seu poder, não com a pregação de uma inércia que a desfigura.

Referências bibliográficas

BEAUGRANDE, R. A. *Introduction to the study of text and discourse*. Wien: Universitäts Verlag (pré-impressão), 1993.

BUARQUE, C. João e Maria. Disponível em: <http://chicobuarque.uol.com.br/construcao/mestre.asp?pg=jooemari_77.htm>. Acesso em: 22 jan. 2008.

DU BOIS, J.W Competing motivations. In HAIMAN, J. *Iconicity in syntax*. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

FERNANDES, M. *100 Fábulas fabulosas*. Rio de Janeiro: Record, 2003, p. 149.

GIVÓN, T. *Functionalism and grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. 2. ed, London: Edward Arnold, 1994.

HALLIDAY, M. A, K.; MATHIESSEN, C. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold, 2004.

NEVES, M. H. M. *A gramática funcional*. SP: Martins Fontes, 1997.

_____. *Gramática de usos do português*. SP: UNESP, 2000.

_____. *A gramática: história, teoria e análise, ensino*. SP: UNESP, 2002.

_____. *Guia de uso do português: confrontando regras e usos*. SP: UNESP, 2003.

_____. *Texto e gramática*. SP: Contexto, 2006.

_____. *Ensino de língua e vivência de linguagem*. SP: Contexto, 2010.

_____. *Gramática de usos do português: Lições*. São Paulo: EDUNESP. No prelo1.

_____. Fluidez categorial e organização textual: uma amostra de descrição gramatical funcional. In: BRAIT, B.; SOUZA-E-SILVA, C. *Texto e discurso em perspectiva polifônica*. São Paulo: Contexto. No prelo2.

Identities dynamic: variation and change in the Spanish of America

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

_____. A linguagem na reflexão escolar. In: GUIMARÃES, E. *Estudos linguísticos e literários aplicados ao ensino*. São Paulo: Editora Mackenzie. No prelo3.